

ORALIDADE E REPRESENTAÇÃO CULTURAL: UMA ANÁLISE DO FOLHETO DE CORDEL *DICIONÁRIO PARAIBÊS* DE VICENTE CAMPOS FILHO

Thaís Calixto Felipe¹
Chrisllayne Farias da Silva²

RESUMO

A literatura de cordel é uma manifestação artística que veicula diversas características da cultura popular. A riqueza de detalhes representados nos folhetos apresenta fatos da história de um povo, anedotas, personagens de histórias populares, traços da literatura oral, entre diversos outros saberes culturais e sociais de um povo. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar aspectos da oralidade na representação da cultura do povo paraibano, presentes no cordel *Dicionário Paraibês*, do cordelista Vicente Campos Filho residente da cidade de João Pessoa – Paraíba, além de apresentar reflexões referentes às contribuições da abordagem com a literatura de cordel na sala de aula. Desta forma, o folheto apresenta diversas expressões populares e traços linguísticos pertencentes a uma comunidade de fala, que por vezes, são compreendidos apenas, caso seja exposto o contexto a qual se refere. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, e por meio da análise é possível verificar que a literatura de cordel possui forte influência da oralidade em seu processo de construção, e pode contemplar e representar traços da cultura de um povo reforçando a pluralidade das expressões e significações utilizadas oralmente no cotidiano da população paraibana. Enquanto objeto das aulas de literatura, o folheto de cordel pode possibilitar a identificação por meio da representação, o conhecimento acerca de outras expressões linguísticas, proporcionar discussões reflexivas, além da apreciação estética do gênero.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Oralidade; Cultura popular.

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, é necessário considerar que o Brasil é um país plural, com uma imensa diversidade étnica, cultural, linguística e social que precisa ser respeitada e considerada por todos. É imprescindível que essa pluralidade possa também ser representada em diferentes espaços sociais. Algumas dessas representações são por meio da arte, da música, da literatura, e entre outras manifestações artísticas-culturais, que possibilitam aos produtores e receptores uma cultura de pertencimento e de reafirmação de suas próprias identidades.

¹Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, thaís.cafelipe@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, chrisfariassilva@gmail.com;

Salientamos também o quanto é necessário e urgente considerar as produções populares como espaços de resistências, seja na manutenção da memória de um povo, seja na evidenciação de sua cultura e de seu conhecimento linguístico. Haja vista, que não somente as produções advindas do popular, mas também, o próprio povo enfrenta preconceitos linguísticos-sociais e atitudes xenofóbicas. Em contrapartida, há uma supervalorização, tanto da sociedade civil quanto do mercado cultural, pelas produções artístico-culturais eurocêntricas e advindas das classes altas e elitistas.

Trazer à tona essas discussões e contribuir para a evidenciação das manifestações artísticas podem colaborar para que as produções advindas do popular e as características específicas do povo, por meio destes registros, construam conhecimentos que reforcem a identidade e os saberes de uma sociedade. Pois, o território brasileiro possui cultura(s), assim como a linguagem, muito diversificada.

É importante destacar que estas variações linguísticas ganham sentido no meio em que fazem parte. Algumas expressões possuem características próprias da região e que podem ser pouco compreendidas quando retiradas do contexto de uso. Por isso, é preciso salientar que cada expressão artística possui sua particularidade, seu contexto de produção, sua autoria, seu alcance, sua singularidade e isso deve ser situado, compreendido e principalmente, respeitado.

A cultura popular abrange diversas manifestações artísticas, dentre elas, a literatura por meio de diversos gêneros. Apresentando leituras sobre a sociedade simultaneamente a sua expressividade particular enquanto arte. Permitir a contemplação e compreensão das mensagens ditas em manifestações artísticas é uma prática de ampliação do termo leitura, para leitura de mundo.

Com o objetivo de contribuir com essas discussões, este trabalho pretende analisar aspectos da cultura popular e da oralidade do povo paraibano presentes no folheto de cordel *Dicionário Paraibês* de autoria do cordelista Vicente Campos Filho, além de apresentar breves reflexões acerca da leitura literária de cordel na sala de aula. Afirmando a importância da leitura dessas produções e possibilitando a discussão referente a representatividade da riqueza do dialeto da Paraíba por meio do folheto de cordel e a forma como a literatura de cordel é expressiva enquanto manifestação artística.

2 METODOLOGIA

Este trabalho possui como *corpus* o folheto de cordel *Dicionário Paraibês* de autoria do cordelista Vicente Campos Filho e trata-se de uma análise de cunho qualitativo, em que “os

pesquisadores [...] buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito [...]” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p.32). Sendo assim, este artigo tem como finalidade analisar e discutir aspectos referentes à oralidade presentes no folheto de cordel, evidenciando a representação de aspectos regionais e culturais por meio do folheto, para demonstrar a importância destes aspectos como manifestação artística de cunho da cultura popular, além de expor breves reflexões sobre a leitura de cordel no ambiente escolar.

E quanto ao procedimento tem-se a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos (2017) é um acervo de diferentes fontes que possuem relação ao tema selecionado pelo pesquisador, como forma de embasar as discussões presentes no trabalho, “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, visto que propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” (MARCONI, LAKATOS, 2017, p.221). Desse modo, utilizamos de contribuições e pesquisas referente a oralidade, a cultura popular, além das discussões acerca da leitura e literatura.

Como aporte teórico, foram utilizadas as discussões de Abreu (1997, 1999, 2006) que desenvolveu uma vasta pesquisa a respeito dos folhetos de cordéis. Silva e Fernandes (2019) na análise sobre cultura e memória, Ayala e Ayala (2006) nos estudos sobre cultura popular, Zilberman (2006) quando analisa a relação entre a memória, oralidade e escrita, Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013) que discorrem acerca da leitura literária e de sua importância para a formação do sujeito e Lajolo (2011) acerca do professor leitor.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Os primórdios da formação da literatura nacional são constituídos a partir de um olhar bastante unificado acerca da realidade brasileira, e principalmente, da pluralidade imbricada a ela, ao considerarmos que os primeiros escritos que surgem enquanto obras literárias, são resultados de produções advindas das camadas poderosas da sociedade. Muitas dessas produções pioneiras são inspiradas nas vanguardas europeias, devido a sua estética e aos seus produtores bastante renomados, se tornam obras consagradas e integrantes do que se tem como cânone literário.

É necessário destacar que por mais que o Brasil seja composto por uma multiplicidade étnica, linguística, cultural, religiosa e política, apenas as pessoas que possuíam um certo poder seja economicamente ou politicamente, são as mesmas que ocupavam cargos e posições de

poder seja no convívio social, seja nas produções literárias. Consequentemente, as produções retratam uma sociedade (fictícia ou não) observada a partir de apenas um olhar, e na maioria das vezes, um olhar eurocêntrico, burguês e elitista, o que influenciava para uma visão distorcida e/ou de uma sociedade plural minimamente representada em tais produções.

Entretanto, de acordo com Abreu (2006), a apreciação estética de uma obra não deve ser unificada, haja vista, que uma mesma obra pode ser vista e interpretada de diversas formas a depender do contexto sociocultural, linguístico e textual do leitor. No entanto, os gostos acerca de uma mesma obra literária são modificados ao decorrer dos tempos, pois as novas estruturas sociais, políticas e econômicas requerem novas representações.

Daí a necessidade da leitura e do conhecimento expandir-se para além das obras consagradas, haja vista, que é a melhor forma de escapar às armadilhas da alienação e à padronização do mundo contemporâneo,

[...] é a leitura constante de obras da Grande Literatura, pois elas forçam a uma reflexão sobre a realidade e permitem que o leitor enxergue melhor o mundo em que vive, incorporando a experiência vivida no contato com o texto às suas próprias experiências pessoais. (ABREU, 2006, p. 84).

Não se trata, portanto, de excluir o cânone literário das apreciações estéticas, mas sim, ampliá-lo para outras produções pertencentes a outros campos, como o popular, e realizar as análises a partir de outros critérios estéticos, pois de acordo com a autora, não se deve apreciar uma obra advinda do popular com os mesmos critérios que se avalia uma obra consagrada. Ambas necessitam de uma adequação tanto no seu contexto de produção quanto no seu contexto de recepção. “A suposta existência de valores absolutos faz que se julguem todas as obras imaginativas com uma mesma bitola. O resultado é previsível: obras não eruditas são avaliadas como imperfeitas e inferiores.” (ABREU, 2006, p. 111).

Ayala e Ayala (2006) demonstram que a cultura popular deve ser analisada por outras perspectivas, haja vista, que há uma estereotipização e unificação referente ao que significa cultura popular, de pensar que se trata de uma sobrevivência ou de uma manutenção de registros orais por meio da memória. É preciso, portanto, observar “a cultura popular como parte de um contexto cultural e social mais amplo.” (AYALA, AYALA, 2006, p. 32).

A cultura popular permite que diversos saberes sejam difundidos e assim, ao ter acesso a distintas manifestações artísticas, se abre espaço para conhecimento de diversas sociedades além da qual faz parte. Cada entorno social possui particularidades enquanto as suas experiências de construção, de história e também de manifestações artísticas. O acesso à distintas culturas,

pode contribuir para que haja a discussão entre estes pontos de vista e interesses convergentes e divergentes, sob um olhar crítico. Assim como esclarece Ayala e Ayala (2006):

[...]O termo cultura popular designe um conjunto coerente e homogêneo de atividades. Pelo contrário, suas características são a heterogeneidade, a ambiguidade, a contradição, não só nos aspectos formais, em que a diversidade salta à vista, mas também em termos dos valores e interesses que veicula, ou seja, no nível político-ideológico. (AYALA, AYALA, 2006, p. 60).

Cada manifestação artística da cultura popular brasileira abrange em sua heterogeneidade aspectos que vão desde questões históricas à questões sociais. São construções que levaram gerações para se concretizarem como cultura pertencente a uma sociedade e por isso, cada aspecto em sua diversidade tem significado para aqueles que a produzem e a pertencem, até mesmo as lacunas que não são compreendidas em suas construções.

3.1 Oralidade

Silva e Fernandes (2019) apresentam que no cotidiano é que se formam e reformam as práticas culturais, por meio da interação das pessoas. A sociedade pode interagir de diversas formas, essas interações desenvolvem relações que aproximam as pessoas, podendo ser interações face a face, interações por meio de um objeto mediador, como um telefone ou um computador, entre outras maneiras.

Por muito tempo essas interações ocorreram, em sua grande maioria, por meio da oralidade, em momentos que ocorriam difusão de conhecimentos culturais, e de uma forma próxima a questões que reforçam a memória como referência da prática. “A oralidade é igualmente expressão mais credenciada da memória, conforme o estudo sobre o narrador, aproximando não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes.” (ZILBERMAN, 2006, p. 121).

Acerca deste aspecto da oralidade e de sua relação com a memória, Zumthor (1997), também esclarece que é por meio da presença da voz, e principalmente, da memória coletiva de um grupo sociocultural que a mensagem poética se concretiza. “A voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria [...]” (ZUMTHOR, 1997, p.11).

Dessa forma, Zumthor (1997) apresenta a perspectiva de que a voz intencionalmente permeia espaços que podem ser cambiantes, ocupando existências e lacunas. De maneira a permitir que a voz ocupe diversos espaços que ilustram a matéria.

3.2 Literatura de cordel

A literatura de cordel é uma manifestação literária de grande expressão no nordeste brasileiro. Os folhetos de cordéis retratam memórias do povo, personagens da cultura popular, saberes que são contados de geração em geração e com uma ligação muito forte com a oralidade. “A produção de folhetos no Nordeste brasileiro situa-se na encruzilhada entre a escrita e a oralidade, sendo impossível fixá-la de maneira definitiva em qualquer um destes polos.” (ABREU, 1997, p.13).

No Nordeste têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios. O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível. [...] carregam consigo uma marca fundamental: o caráter fortemente oral dessa produção, tanto no que tange à composição quanto à transmissão. (ABREU, 1999, p. 73).

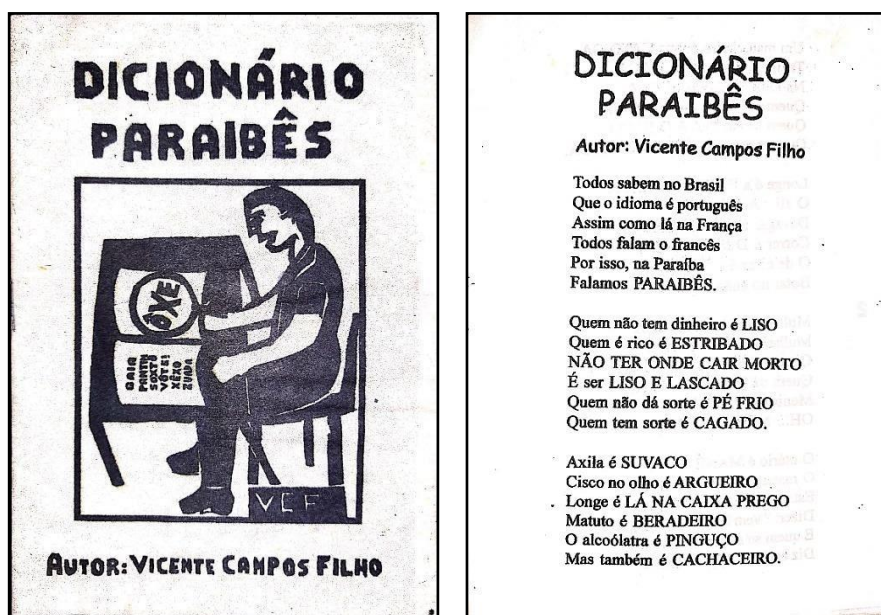
Desta forma, o gênero literário do folheto de cordel, em alguns exemplares, traz características fortemente ligadas à oralidade. Como é o caso do folheto *Dicionário Paraibês*, do cordelista Vicente Campos Filho.

A temática principal do cordel trata-se de apresentar as expressões utilizadas na fala do povo paraibano e seu significado. É notável a fidelidade das expressões com a linguagem do povo. Cada expressão, com sua singularidade, provoca a sensação de proximidade dos versos com a linguagem cotidiana do paraibano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de analisar como os aspectos da oralidade, e as representações da cultura popular, por meio da utilização de expressões singulares a uma comunidade de fala, realizaremos a análise do folheto de cordel intitulado *Dicionário Paraibês* do cordelista Vicente Campos Filho, o folheto foi publicado no ano de 2009, e aborda aspectos da cultura paraibana, por meio do conhecimento linguístico apresentado no folheto. O autor nasceu na cidade de Patos, interior da Paraíba, e reside na cidade capital João Pessoa - Paraíba, escreveu diversos cordéis, se dedicando, também, à abordagem referente à cultura local.

Fig. 1 e 2: Imagens referente a capa e a primeira página do folheto de cordel *Dicionário Paraibês*, de autoria de Vicente Campos Filho.



Fonte: Imagens digitalizadas pelas autoras.

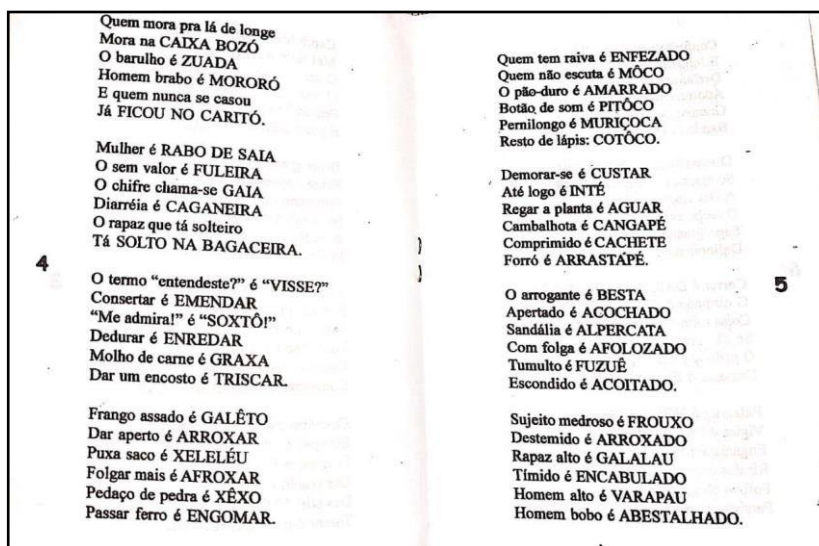
Vicente Campos Filho na primeira estrofe do cordel, propõe que na Paraíba o povo fala um idioma distinto do restante do Brasil. Os paraibanos falam “Paraíbes”. Nesta estrofe, é possível dar cena ao neologismo “paraíbes”. Clareando o conceito de neologismo, “O conceito de neologia aplica-se a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. No nível lexical, referia-se, inicialmente, à criação de uma nova unidade lexical ou ao empréstimo de uma unidade pertencente a um outro idioma”. (ALVES, 1996, p. 11).

A expressão “paraibês” propõe um aspecto de originalidade ao idioma proposto pelo autor e esta distinção, para com a relação entre os outros idiomas, não estabelece nenhum caráter de segregação. Trata-se de uma afirmação, que caminha em sua licença poética, apresentando que o vocábulo paraibano é tão particular que poderia se tornar um idioma, independente do português padrão. De maneira que neste trabalho não se estabelece quaisquer afirmações de superioridade de um idioma em detrimento de outro, mas, afirma-se que o neologismo utilizado pelo autor propõe singularidade ao cordel e estímulo ao imaginário do leitor.

A partir da segunda estrofe, o cordelista inicia a apresentação dos significados e a expressão no final dos versos. Cada verso, um novo sentido, uma expressão notadamente carregada de significado e representação da oralidade, tendo em vista que são retratos fidedignos de expressões utilizadas pelos paraibanos. Quando lidos por um paraibano, é lembrada a linguagem do cotidiano, a fala utilizada na sua mais pura essência.

A grande maioria das expressões são utilizadas regularmente, como é o caso das expressões “liso”, “suvaco” e “cachaceiro”. Ler estes termos em um gênero literário torna a leitura próxima ao leitor, como um retrato da linguagem do povo, possibilidade que o gênero literário de cordel permite de aproximação entre a oralidade, a escrita e a literatura.

Fig. 3: Páginas 4 e 5 do folheto de cordel *Dicionário Paraibês*.



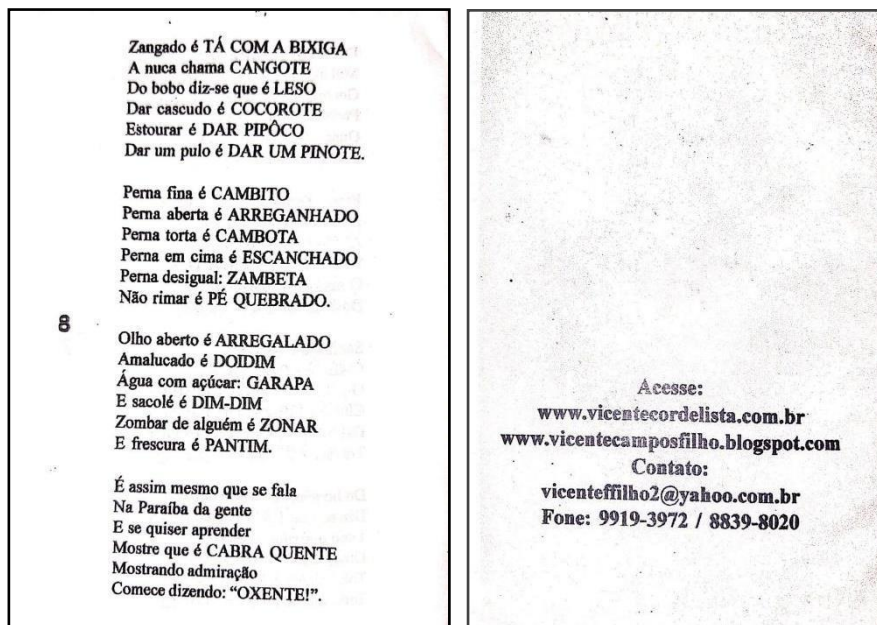
Fonte: Imagens digitalizadas pelas autoras.

Outra característica presente no cordel é a de substituição de termos do português padrão, para uma linguagem mais utilizada no cotidiano e adequada ao contexto de fala do povo, como por exemplo, ao invés de utilizar as palavras “sujeito medroso”, utiliza-se apenas “frouxo”. O que pode ser compreendido pois, a gramática da norma padrão nos dispõe de diversas sinonímias, que por mais que tenham significações próximas, é necessário atentar, que o falante escolhe termos que se adequem às suas necessidades de uso, de contexto comunicacional, seja para tornar uma situação mais clara, seja para dar a ênfase a uma expressão, ou acontecimento.

Sendo assim, por mais que a língua nos possibilite o uso de sinônimos para substituir uma palavra por outra, o falante não faz isso de forma aleatória, mas sim, com objetivos. É possível perceber esse aspecto, a partir do primeiro verso e estrofe, presentes na oitava página do folheto de cordel, em que o autor, demonstra que no falar paraibano, o adjetivo “zangado”, que de acordo com o dicionário Aurélio, significa aquele “[...] que se zangou; irritado [...]” (FERREIRA, 2001, p. 724), tem como substituição o termo “tá com a bixiga” que dependendo da entonação e do contexto de conversação, pode ser utilizado com diversos propósitos, para

dizer que alguém está bravo, ou que algo está muito difícil, demonstrando também surpresa/indignação.

Fig. 4 e 5: Páginas 8 e 9 do folheto de cordel, e informações referente ao cordelista.



Fonte: Imagens digitalizadas pelas autoras.

Ainda na primeira estrofe, no quinto verso da página oito, essa mesma característica faz-se presente na substituição do termo “estourar”, que de acordo com Bechara (2011), significa “rebentar-se, geralmente fazendo ruído.” (BECHARA, 2011, p.610). Foi substituído pelo termo “dar pipôco”, que também representa uma situação barulhenta, que pode provocar explosão, mas também pode ser utilizada para referir-se a uma pessoa que está prestes a perder a paciência com algo/alguém, o termo é utilizado com diferentes entonações que também expressam reações diversas do falante.

Sendo assim, é possível notar que os termos utilizados pelo cordelista Vicente Campos Filho, representam singularidades do conhecimento linguístico do povo paraibano, mas também, a diversidade quanto a sua significação, haja vista, que o falante utiliza de diversas estratégias para tornar a sua linguagem acessível e compreensível ao seu interlocutor, e isso demanda do conhecimento da língua e de suas flexibilidades, mas também do conhecimento sociocultural do sujeito, é por meio da oralidade e do contexto pragmático, que as expressões paraibanas concretizam-se.

4.1 Breves reflexões acerca da leitura literária do cordel na sala de aula

A educação escolar é orientada por documentos que disponibilizam diretrizes para as práticas de ensino. Além destes documentos, existem particularidades de cada escola que podem guiar os caminhos das práticas efetivas de leitura na sala de aula.

Entretanto, além destas questões que influenciam nas atividades em sala de aula é necessário refletir sobre a perspectiva do docente em relação a prática de leitura literária em sala de aula: o que o professor compreende sobre a leitura literária? Qual a importância de permitir que a sala de aula seja um local de diálogo sobre textos literários, de forma que não sejam priorizadas questões puramente gramaticais? É necessária uma postura crítica-reflexiva por parte do próprio docente em relação a sua prática.

Além destas questões, cabe salientar que a formação do professor enquanto leitor também contribui para esta perspectiva do trabalho com a literatura em sala de aula. A rotina de um docente na maioria das vezes é cansativa, não se pode negar. Mas existem questões que podem causar grande influência na prática docente e estas precisam ser refletidas e discutidas.

A discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. (LAJOLO, 2011, p.77).

É preciso refletir sobre aspectos importantes de como pode acontecer a abordagem com o texto literário, em que “o texto literário não deve ser considerado como uma área apendicular ou como uma área periféricamente aristocrática da disciplina de português, mas como o núcleo da disciplina, como a manifestação da memória e da criatividade da língua portuguesa.” (DALVI, REZENDE, JOVER-FALEIROS, 2013, p. 78). Trabalhar a leitura literária permite que os alunos tenham acesso a questões que ultrapassam o limite da própria sala de aula e ganham aspectos da leitura de mundo. A sala de aula pode contribuir significativamente para a formação de um aluno crítico-reflexivo.

Ao permitir práticas efetivas de leitura de um gênero como o folheto de cordel *Dicionário Paraibês* na sala de aula, vários aspectos podem ser levados em consideração, como por exemplo, a leitura literária enquanto contribuição na construção no processo crítico-reflexivo do aluno, identificação de aspectos culturais, reconhecimento de marcas da oralidade, conhecimentos que relacionam memória, oralidade e variação linguística, entre outros saberes difundidos.

Conforme afirma Abreu, “quando estão ouvindo uma leitura oral de folheto, os ouvintes se metem na história, interrompem, fazem comentários e são especialmente críticos quando o poeta fere um dos princípios de composição poética.” (ABREU, 2006, p. 66). Uma leitura oral do cordel *Dicionário Paraibês* no ambiente escolar, pode suscitar discussões de distintos saberes, como a utilização dos termos presentes do cordel, a relação de sentido que é apresentada para cada expressão e o sentido que os alunos utilizam, o contexto de uso, as histórias recordadas pelos alunos, a possibilidade de uso das expressões. Enfim, são inúmeras as possibilidades de discussão e aprendizagem por meio da utilização do cordel em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisado, a ampliação do cânone literário e de outras manifestações artísticas-culturais para além do que é concebido e pré-determinado pelo olhar eurocêntrico e que se localiza nos centros sulistas, permite para que o sujeito-leitor possa ampliar, também, os seus horizontes de expectativas, para além daquilo que é imposto somente por um grupo. Ao considerarmos que o Brasil é um país plural, composto por uma diversidade cultural, étnica, religiosa, entre outras. Defendemos, no entanto, que essa diversidade seja evidenciada, e que as produções literárias concebidas pelo popular, possam alcançar os diferentes públicos.

Haja vista, que as identidades são múltiplas e móveis, motivo este que possibilita as diversas representações como forma de reafirmar, negar, criticar, evidenciar aquilo que é um dado da cultura. Pois considera-se a literatura popular enquanto um espaço de autorrepresentação, possibilidade de registros da oralidade por meio da memória, da criação e utilização das características regionais imbricadas a versatilidade da poética. A literatura é uma dessas manifestações que podem contribuir para ampliação de saberes.

Destacamos, ainda, que a prática de leitura literária na sala de aula, para além das obras consagradas, pode propiciar aos alunos o conhecimento de diferentes perspectivas e olhares acerca da sociedade, permitindo não só o conhecimento, mas a identificação com obras advindas da literatura popular, ampliando as discussões e reflexões a partir de diferentes leituras, que não se limitem apenas aos clássicos integrados ao cânone literário. Que embora sejam de grande importância, cada obra, seja ela erudita ou popular, causa significações e experiências literárias singulares.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos. **ELO: Estudos de Literatura Oral**, n. 3, p. 7-23, 1997. Disponível em: <<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1416/1/Abreu.pdf>>. Acesso: 19 de jul. 2021.
- ABREU, M. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. **Alfa**, v.40, São Paulo: UNESP, p.11-16, 1996.
- AYALA, M.; AYALA, M. I. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.
- DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FILHO, V. C. **Dicionário Paraibês**. 2009.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, T.S. Métodos de pesquisa. Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (Orgs.) coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica-Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Porto Alegre: Editora da UFRGS**, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- SILVA, A. C.; FERNANDES, G. P. Cultura e memória: uma análise do programa “Mais Cultura na Escola”. In: MARTINS, E. S.; GONÇALVES, N.; FERREIRA, D.; AYALA, M. I. *et al.* **Cultura popular e caminhos entre resistências e políticas**. Crato: Ateliê Editorial do Netlli, 2019, p. 81-88.
- ZILBERMAN, R. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, v. 41, p. n. 3, 117-132, 23 de out. 2006. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/621>>. Acesso: 28 de jun. de 2021.
- ZUMTHOR, P. A oralidade poética. In: ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 1997, p. 21-61.